

O CETRO DE AERZIS

LIVRO III

A RAINHA DAS TERRAS DA LUZ

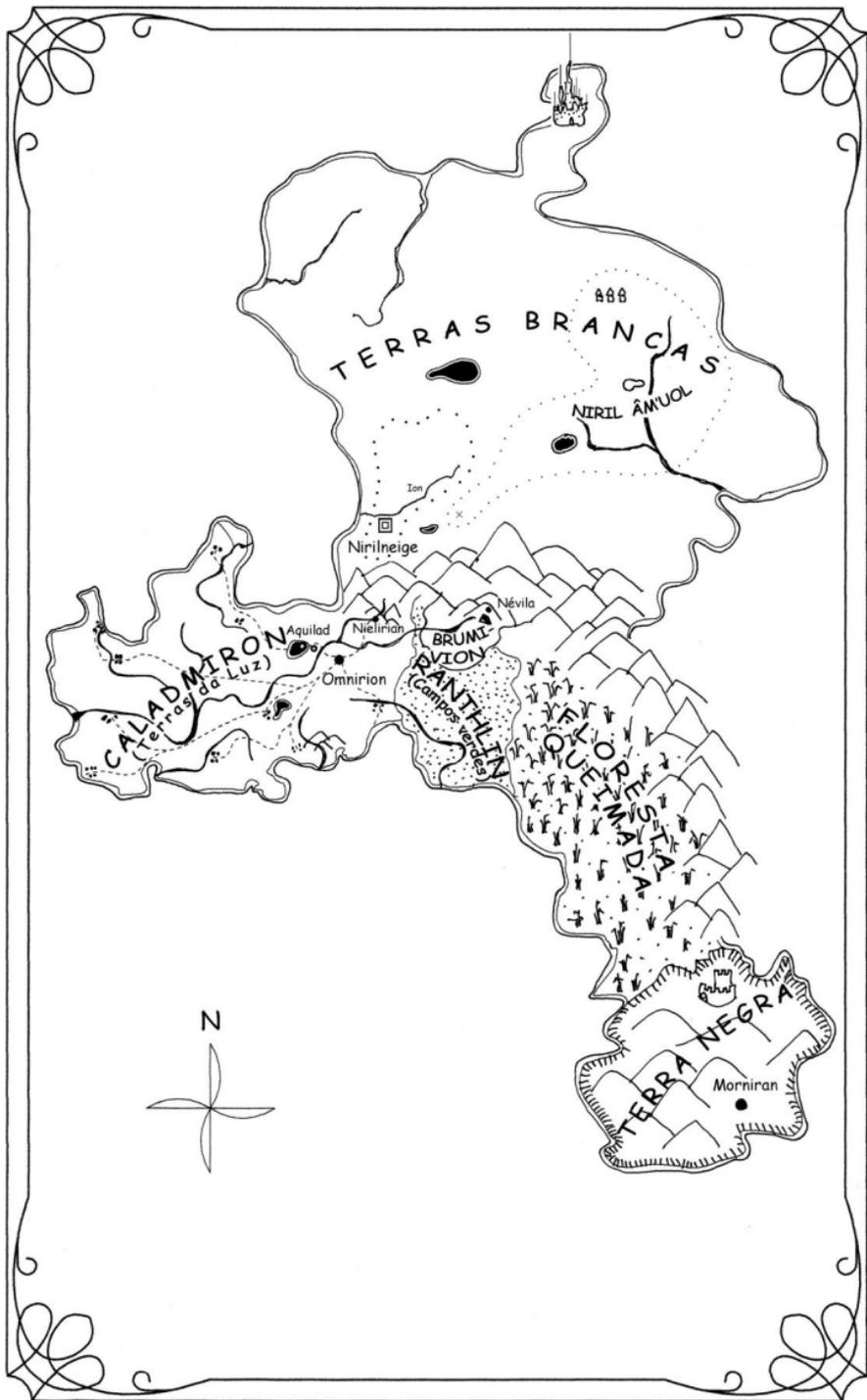
INÊS BOTELHO

A RAINHA
DAS TERRAS DA LUZ



Para:

O Fabien, pela amizade e brincadeiras.





N

Esqualem

Rio Indael

Cereide

Rio Osan

Ondalim

Rio Crisen

Casa da Elianor

CALADMIRON

Sussuril

Rio Enyel

Agnan

Arlise

Rio Dasmil

Uaniar



O REGRESSO DE ARAN

Iruvienne descia calmamente a escada de pedra trabalhada que se enrolava em torno do tronco da majestosa árvore onde fora construído o seu eluan. Tudo se encontrava calmo e silencioso. Apenas as folhas se agitavam levemente, ao sabor da brisa, e os grossos ramos das árvores milenares escondiam algumas tímidas flores primaveris. Estava frio e naquela noite Omnirion era apenas iluminada pelo brilho das estrelas no céu e a luz bruxuleante das velas nas candeias de vidros tenuemente azulados. Iruvienne tocou o chão de erva verde, ainda coberto por algumas folhas secas esquecidas pelo vento, olhou à volta e de repente desatou a correr como uma criancinha em direção ao Palácio do Ouro e do Verde.

Haviam-se passado mais de seis anos desde que Iruvienne se tornara Rainha das Terras da Luz e ela tinha agora trinta e quatro anos. O seu povo amava-a e ela descobrira que, como rainha, não precisava de perder toda a independência. Reinava no Mundo uma paz serena, apenas perturbada por algumas memórias e receios que os Elfos e as Fadas não conseguiam evitar. Além disso, Iruvienne tinha por

vezes alguns sonhos demasiado inquietantes para os deixar calmamente no subconsciente. Mas desta vez os seus sonhos haviam sido belos e reconfortantes. Aran regressava das Terras Brancas e, se tudo corresse bem, estaria em Omnirion a meio da manhã.

Pouco depois de Galaduinne e Athilya terem partido para Brumívium, Iruvienne falara a Aran do pedido que a mãe lhe fizera. Contudo, embora ele concordasse que deviam tentar saber se o Povo Branco realmente existia, a ideia da partida fora adiada sem que nenhum dos dois voltasse a falar no assunto. Até que um dia, mais ou menos um ano e meio atrás, Aran acordara Iruvienne a meio da noite, vestido com roupas quentes de viagem, a espada a pender-lhe do cinto e uma mochila às costas. Dera-lhe um beijo na testa e, sem qualquer explicação, dissera que ia partir para o Norte em busca do Povo Branco. Iruvienne limitara-se a sorrir e a acompanhá-lo à saída de Omnirion. Porém, enquanto via Aran a afastar-se por entre as árvores, desejou poder partir com ele numa verdadeira aventura. E agora ele estava de volta e ia contar-lhe tudo o que vira e aprendera. Ia dizer-lhe que novas espécies de plantas e animais descobrira e se efetivamente o Povo Branco existia ou, pelo contrário, não passava de uma lenda antiquíssima sem qualquer razão de ser. No seu sonho, Aran era seguido por mais alguém, uma figura indefinível, uma sombra, mas também uma presença inegável. Talvez fosse um elfo de cabelos loiros e olhos profundamente azuis como se dizia que eram todos os do Povo Branco. Mas Iruvienne não podia ter a certeza disso...

O dia amanheceu claro e radioso, como se o sol primaveril se quisesse impor definitivamente sobre o tímido e fraco sol de inverno. Algumas flores desabrocharam, revelando as suas deslumbrantes cores, as árvores agitaram os ramos, exibindo as bonitas e brilhantes folhas verdes e os pássaros cantaram enquanto Omnirion despertava.

Iruvienne não conseguiu dormir mais e, por isso, quando as suas damas de companhia entraram no quarto já ela tinha tomado banho e estava a retirar do armário um vestido leve que se coadunava muito bem com a estação em que estavam. Era um vestido branco, bordado com delicadas linhas cor-de-rosa que formavam bonitas flores. As suas mangas alargavam ligeiramente desde meio do braço, revelando uma outra manga, igualmente branca, mas justa, e a sua saia era tão comprida e esvoaçante que criava a ilusão de que o vestido tinha uma cauda. As suas damas de honor pentearam-lhe os longuíssimos cabelos e fizeram-lhe algumas tranças que uniram e prenderam, com fitas cor-de-rosa claro, num bonito penteado.

A manhã avançou muito lentamente, ou pelo menos assim pareceu a Iruvienne. Ielahad, seu amigo e conselheiro, tentou interessá-la por algumas cartas celestes, mas Iruvienne já divagava por terras criadas por si, que povoava com estranhas plantas e animais e pelas quais imaginava Aran a andar com as vestes de caminhante, já muito sujas e gastas, e a comprida espada à cinta. Imaginava-o a viver aventuras fantásticas, a conhecer tudo o que era desconhecido e que eles outrora haviam desejado descobrir juntos. Não percebia porque só agora, quando Aran estava a regressar,

começara a imaginar tudo o que ele poderia ter visto e vivido. Durante quase um ano não se preocupara com isso, limitara-se a assumir que quando ele voltasse lhe contaria tudo. Mas naquele dia, quando faltava tão pouco, Iruvienne sentia-se impaciente. Estava tão curiosa que não conseguia esperar para saber o que realmente acontecera e por isso imaginava-o.

— Devias parar com isso — disse Ielahad ao fim de algum tempo, já cansado de falar sobre a posição das estrelas no céu a alguém que divagava por terras inexistentes.

— Parar com o quê? — perguntou Iruvienne distraidamente.

— Parar de tentar imaginar o que poderá ter acontecido a Aran. Sabes perfeitamente que muito raramente aquilo que imaginamos corresponde à realidade. E tu tens uma imaginação tão fértil que duvido que o que imaginas seja sequer possível.

Iruvienne riu suavemente, como uma criancinha.

— Sabes que dizem o mesmo às crianças humanas que imaginam que nós somos reais, não sabes, Ielahad?

— Sei — respondeu o elfo com um ligeiro encolher de ombros. — Mas é um pouco diferente, não te parece?

— Hum... É. Sem dúvida que é. Mas tal como elas também eu estou apenas a sonhar. E sonhar é tão bom!... — disse Iruvienne, abrindo os braços e rodopiando pela enorme biblioteca, sempre a rir.

Ielahad soltou um pequeno suspiro.

— Hoje a nossa Rainha acordou com a disposição de uma criança.

Iruvienne parou de rodopiar e ficou a olhá-lo com uma expressão muito doce e um leve sorriso.

— Não — disse por fim. — A vossa Rainha hoje está apenas muito contente. Mas é verdade que por vezes eu tenho o temperamento de uma inocente e alegre criança. Tal como todos os Elfos e Fadas. E tu, Ielahad, devias saber isso muito bem, pois és um sábio.

— Sou, de facto. Mas não o sou mais do que tu.

Iruvienne soltou uma gargalhada.

— Agora és tu quem se comporta como uma criança. Uma criança travessa que gosta de ironizar sobre as outras pessoas.

Ielahad sorriu.

— Talvez. Mas também podes ser tu que não queres ver o que todos os outros veem — disse, e Iruvienne ficou novamente séria.

— Tentar fazer o que é melhor para o meu povo não é sabedoria. É amor — respondeu. — Tudo o que faço é movido pelo meu amor a algo. Vocês é que confundem amor com sabedoria.

— Não. Tu é que lhes dás o mesmo nome.

— Ora, Ielahad... Amor e sabedoria nunca foram sinónimos.

— Claro que não. Exceto no teu caso.

Iruvienne caminhou lentamente até uma das janelas da biblioteca e ficou a olhar para o interior de Caladmiron. Ielahad voltou a observar as cartas celestes silenciosamente.

Durante toda a sua vida Iruvienne nunca gostara, e continuava a não gostar, que lhe chamassem sábia. E no entanto sabia que o era. Mas a palavra parecia tão desapropriada para si! Tão fora de contexto. Como uma lindíssima e delicada flor no meio de um ramo de flores silvestres. Não! Não era bem isso. Era mais como se a sabedoria fosse uma parte tão inata e intrínseca do seu ser que parecia

estranho classificá-la. Como se, ao atribuir-lhe um nome, ela se tornasse perigosamente palpável, tão real e comum que desaparecia no meio da banalidade.

Iruvienne abriu a janela e inclinou-se para a frente. O vento batia-lhe na cara, afastando-lhe os cabelos e envolvendo-a toda na sua frescura. E de repente sentiu-se livre, completamente livre de dúvidas ou preocupações.

— Engraçado como certas coisas levam tanto tempo a descobrir quando são tão simples — disse ainda inclinada para o exterior e de olhos fechados.

— São como todas as charadas — respondeu Ielahad. — Parecem extremamente complicadas, até que as resolvemos e vemos como são simples.

— E depois — continuou Iruvienne, como se ele não tivesse falado —, tudo parece mais nítido e sem nos apercebermos disso o problema desapareceu. — Fechou a janela e caminhou até junto do amigo. — O que é que estavas a dizer sobre a posição das estrelas durante a primavera?

Ielahad levantou as sobranceiras e olhou-a com um ar simultaneamente admirado e divertido.

— O vento hoje deve ser bom conselheiro ou um exímio orador, pois conseguiu fazer com que a nossa Rainha deixasse de divagar pelo irreal — observou.

Iruvienne sorriu e sentou-se calmamente em frente às cartas. Ielahad continuou com o discurso que tinha interrompido. Mas, passado pouco tempo, Linuase, uma das damas de companhia de Iruvienne, interrompeu-os.

— Senhora, Aran entrou na cidade e vem acompanhado por um elfo muito alto e de aspeto um pouco diferente do que é habitual — disse ela. — Talvez seja um dos do Povo Branco.

Ielahad olhou Linuase com uma expressão mais séria, mas Iruvienne limitou-se a levantar-se e a caminhar devagar até ela.

— Então, talvez seja melhor eu colocar a coroa. Podes ajudar-me a fazê-lo sem estragar o penteado? — perguntou Iruvienne.

— Claro, Senhora — respondeu a fada. E as duas abandonaram a biblioteca, deixando Ielahad entregue aos seus pensamentos.

Linuase colocou cuidadosamente a coroa na cabeça de Iruvienne, ocultando parte dela com o penteado, de forma que apenas a zona onde os diamantes estavam incrustados fosse visível. Depois desceram até à sala do trono onde Ielahad as esperava, acompanhado pelas outras duas damas de companhia. Iruvienne sentou-se no trono e elas imitaram-na, sentando-se nuns bancos de braços que estavam colocados um pouco afastados do trono. Ielahad permaneceu de pé ao lado de Iruvienne.

As portas do salão abriram-se e Aran entrou, acompanhado por um elfo de cabelos loiros platinados e pele extremamente branca. Aran trazia vestidas as mesmas roupas com que partira e que, tal como Iruvienne imaginara, estavam velhas e surradas. A espada caía da sua cinta em direção ao chão, quase o tocando, mas a mochila desaparecera. Provavelmente Aran deixara-a já pousada em algum canto do palácio. O elfo trajava em tons escuros de verde e castanho. Tinha um rosto belo formado por linhas bem definidas, mas a sua expressão era séria e impenetrável.

Aproximaram-se ambos do trono e curvaram-se numa pequena vénia.

— Senhora — disse Aran, e Iruvienne não conseguiu evitar um ligeiro sorriso —, tal como a vossa mãe suspeitava o Povo Branco existe. Este é Legonon, filho de Adhar, o rei elfo das Terras Brancas.

Legonon aproximou-se mais e curvou-se profundamente. Quando se ergueu fitou Iruvienne durante alguns momentos, e ela pôde ver que os olhos dele eram de um azul-escuro profundo e eletrizante, ligeiramente arroxeadado, que brilhava intensamente.

— É uma honra e um prazer conhecer finalmente Iruvienne, Rainha das Terras da Luz, de quem tenho ouvido falar tanto e tão bem — disse e a sua voz soou profunda, cheia e agradável como o som do vento a rolar por entre as cavidades de um búzio.

Iruvienne sorriu, quase como uma criança envergonhada.

— É também para mim uma honra conhecer o príncipe de um povo de que sempre ouvi falar, mas que nunca, nem mesmo em sonhos, tinha visto — respondeu e olhou para as suas damas de companhia. — Linuase, poderias arranjar um quarto para o nosso convidado?

— Com certeza, Senhora — respondeu ela, fletindo ligeiramente os joelhos e abandonando o salão.

— Modeia, Eleni, poderiam organizar uma festa para logo à noite, numa clareira que vos pareça adequada? Penso que o tempo estará agradável.

— Claro, Senhora — disseram as duas em unísono e saíram por uma porta lateral.

Iruvienne virou-se para Ielahad.

— Terei todo o prazer em mostrar ao príncipe Legonon o palácio e Omnirion — disse Ielahad e ela sorriu-lhe.

— Obrigada, Ielahad.

Legonon saiu com Ielahad, e Iruvienne e Aran ficaram sozinhos na sala do trono.

— Bem, Senhora, deveis estar à espera que vos conte tudo o que vi — disse Aran.

— Mas é claro! — respondeu Iruvienne, levantando-se do trono e correndo em direção ao amigo. Aran agarrou-a, rodopiou com ela pelo salão e os dois riram como se fossem ainda as crianças de dez anos que acabavam de cair numa poça de lama durante um dos seus treinos.

— Oh, pequenina, tive tantas saudades tuas!

— Também eu — respondeu Iruvienne, abraçando-o com mais força e encostando a cabeça ao peito dele. — Aran...

— Sim, pequenina?

— Estás a precisar de um banho.

Aran soltou uma gargalhada sonora que ressoou pelas paredes da sala do trono.

— Tens razão — respondeu. — A viagem foi longa, já que a fizemos a pé e devagar, para que Legonon fosse conhecendo Caladmiron. E como não tomamos banho desde que saímos de Nirilnege, a grande e única cidade do Povo Branco, e temos dormido quase sempre ao relento, confesso que devo cheirar mesmo muito mal. Mas também tenho a certeza de que não sou o único. Ele deve cheirar tão mal como eu. O que é... estranhamente agradável.

— Bem — disse Iruvienne, enquanto se ria —, pelo menos podiam ter-se passado por água no Enyel.

— Lavámos a cara e o cabelo — respondeu prontamente Aran.

Iruvienne soltou um pequeno suspiro.

— Ganhaste. Dou-me por vencida — disse resignadamente, e Aran inclinou a cabeça um pouco para a esquerda e esboçou o princípio de um dos seus sorrisos torcidos. — Mas agora, por favor, vai tomar um banho.

— Claro, pequenina — disse ele suavemente. — Vou só buscar a minha mochila e depois subimos os dois até ao meu quarto para eu tomar um banho e te começar a contar tudo o que vi e aprendi nestes últimos meses.

Saíram do salão, foram buscar a mochila de Aran que ficara encostada a um canto da entrada do palácio e subiram silenciosamente até ao quarto dele.

O quarto era uma divisão relativamente pequena que o próprio Aran decorara aquando da reconstrução de Omnirion. Encostada a uma parede estava uma cama de solteiro com uma colcha branca bordada com finos ramos cinzentos de folhas verdes que se entrelaçavam uns nos outros. Em frente aos pés da cama, e encostada à parede da janela, havia uma estante repleta de livros. E à direita, no canto formado pela parede da janela e a parede oposta à da cama, encontrava-se uma secretária sempre coberta por mapas e diversos papéis de apontamentos sobre plantas medicinais. No centro do quarto não havia nada para além do chão de vitrais. A janela era grande e naquele dia as ventanas estavam abertas, fazendo com que entrasse um vento fresco e agradável no quarto.

Aran pousou a mochila aos pés da cama e olhou à sua volta, com o ar de quem regressa a casa. Depois abriu uma porta do outro lado do quarto e entrou na casa de banho. Encheu a banheira com água quente e um pouco de água fria dos jarros pousados na prateleira do fundo, despiu-se e entrou na água. Iruviene sentou-se no chão e apoiou os braços na borda da banheira.

— Conta-me tudo.

— Tudo?! — perguntou Aran enquanto se ensaboava.
— Isso vai levar muito tempo.

— Não faz mal — respondeu Iruviénne. — Temos as noites, as madrugadas e todo o tempo em que as Terras da Luz não precisarem de mim.

Aran fez um ligeiro barulho com a garganta, como se estivesse a engolir um bocado de comida grande de mais, e assentiu ligeiramente com a cabeça.

— O que achaste de Legonon? — perguntou inesperadamente.

— Que queres dizer com isso? — perguntou por sua vez Iruviénne, apanhado de surpresa por aquela pergunta. Mas de repente olhou Aran nos olhos e compreendeu. Inspirou profundamente e soltou o ar devagarinho, como se estivesse a pensar. — Ele é muito bonito. Mas tu sabes que isso tem pouco valor para mim.

— Eu sei, pequenina. Mas não viste mais nada?

— Não. É impossível ler seja o que for nele. Tem uma expressão séria e digna, mas tão fria, tão desprovida de emoções...

Aran sorriu.

— Eu achei o mesmo quando o conheci. Depois, à medida que nos tornávamos amigos, fui mudando de opinião. Conte-lhe algumas coisas sobre nós, sobre os nossos treinos e a nossa infância. E ele contou-me partes da sua vida. A mãe morreu pouco tempo depois de ele nascer, o que fez com que ele fosse criado essencialmente pelo pai e entre os seus guerreiros e conselheiros. Talvez por isso ele pareça tão inexpressivo. Mas, Iruviénne, Legonon é um guerreiro fantástico. Tão bom como nós. — Iruviénne sorriu. — Tenho a certeza que se vão dar muito bem.

— Talvez — respondeu Iruvienne. — Mas agora conta-me o que fizeste, o que viste — pediu impacientemente.

Aran inclinou-se para a frente e tocou na ponta do nariz de Iruvienne com um dedo ensaboado.

— Calma, pequenina. Há muito para contar e tal como tu queres ouvir tudo, também eu quero contar tudo. Por isso, dá-me tempo para organizar as ideias.

Iruvienne passou a ponta do nariz por água e ficou a olhar Aran com doçura. Estava tão feliz por ele estar de volta, tão alegre e eufórica que se sentia até demasiado infantil. Mas naquele dia não queria pensar. Daquela vez, tinha o direito de se comportar de forma tola e rir demasiado alto. Aran regressara e tudo parecia estar novamente nos seus devidos lugares. E então sentiu-se absurdamente segura, como se com Aran a seu lado nada pudesse correr mal.

— Lá, tudo é branco — começou Aran. — O chão está sempre coberto de neve e a temperatura fora de casa é muito baixa. Há grandes árvores, na sua maioria cedros e pinheiros de forma triangular e, quando neva, os ramos ficam cobertos por uma camada de neve branca e brilhante. Muitos dos animais também têm plumagens ou pelagens esbranquiçadas. Os bufos, por exemplo, têm uma plumagem branca salpicada de preto, pelo que lhes dão o nome de bufos-brancos. Este tipo de plumagem serve-lhes de camuflagem e, como é muito espessa, mantém-nos quentes. Também existem animais cuja pelagem não é branca, como os veados-vermelhos e as martas. É claro que fiz desenhos, para que tudo ficasse registado e pudesse ser posteriormente arquivado na biblioteca, mas tenho de os melhorar e passar a limpo.

»As martas são animais com cerca de cinquenta centímetros, membros fortes, patas largas...

E Aran continuou a descrever vários dos animais que vira, a forma das folhas das diversas árvores, as suas margens (ínteiras, serrilhadas, fendidas, palmatilobadas) e se a sua implantação era peciolada, séssil ou invaginante. Falou ainda de algumas novas plantas curativas que descobrira e das suas propriedades. Iruvienne ouvia-o avidamente, ao mesmo tempo que imaginava tudo o que ele lhe descrevia.

— As Terras Brancas são muito diferentes das Terras da Luz — disse Aran, ao fim de algum tempo, enquanto saía do banho e se enrolava numa toalha branca que estava ali perto —, mas não são menos belas. Talvez sejam um pouco mais monótonas e aparentemente com menos vida. Há menos flores e as cores das paisagens não são tão vistosas, mas mesmo assim é tudo tão belo e magnífico que é impossível não se ficar deslumbrado.

Iruvienne continuava sentada no chão de vitral, os pulsos apoiados nos joelhos e as mãos pendentes em direção ao chão. Aran olhou para ela e sorriu.

— Em que é que estás a pensar Iruvienne, Rainha das Terras da Luz e Dama de Caladmiron?

Iruvienne abafou uma gargalhada e inspirou e expirou calmamente, sempre com um sorriso nos lábios.

— Estava a pensar que talvez devesse visitar o Rei Adhar e conhecer as Terras Brancas.

— Viver uma aventura nossa — disse Aran com um ligeiro aceno de cabeça, como quem compreende tudo o que foi dito e o que ficou por dizer.

— Sim — disse Iruvienne, e fez uma pequena pausa. — A nossa aventura. Para vermos tudo o que nunca foi visto e conhecermos tudo o que é desconhecido.

Durante algum tempo nenhum dos dois falou. Aran começou a vestir-se e Iruviene observou-o.

— Só que às vezes as aventuras trazem-nos surpresas com que não contávamos e mostram-nos coisas que não queríamos ver — disse Aran. — Às vezes, os perigos estão para além de tropeçar numa ravina e escorregar por entre silvas e pedregulhos até ao sopé da colina.